Dia 22 — São Hilarião, Abade

Martirológio Romano

São Marcos, bispo, em Jerusalém, varão muito ilustre e muito douto, o primeiro dos gentios que governou a Igreja de Jerusalém. Pouco tempo depois conseguiu a palma do martírio no tempo do imperador Antonino. (Os treze bispos que sucederam ao apóstolo Tiago e a seu irmão Simão, primeiros bispos daquela cidade, foram de nação judeus. E como aos judeus proibiu absolutamente o imperador Adriano ainda aproximar-se da nova cidade que ele erigiu perto das ruínas de Jerusalém destruída por Tito, e à qual pôs por nome Élia Capitolina, a qual ainda desde o reinado do grande Constantino tem sido conhecida com o nome de Jerusalém, só a habitavam gentios cristãos, dos quais Marcos foi nomeado seu primeiro bispo.)

O martírio dos santos Filipe, bispo, Severo, presbítero, Eusébio e Hermes, em Adrianópolis da Trácia; os quais no tempo de Juliano o Apóstata, depois de haverem sido encarcerados e açoitados, foram queimados.

Os santos mártires Alexandre, bispo, Heráclio, soldado, e seus companheiros, igualmente.

São Filipe, bispo e mártir, em Fermo, na marca de Ancona.

As santas virgens Nunilo e Alódia ou Elódia, irmãs, em Huesca, na Espanha; as quais, pela confissão da fé, deram morte os sarracenos e assim chegaram à coroa do martírio. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Córdula, outra das companheiras de Santa Úrsula, em Colônia; a qual, atemorizada com os tormentos e morte das demais, se ocultou; mas arrependida apresentou-se voluntariamente no dia seguinte, pelo que alcançou a coroa do martírio a última de todas. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santo Abércio, bispo, em Hierápolis da Frígia; o qual floresceu no tempo do imperador Marco Antonino.

São Melânio ou Melão, bispo, em Ruão; o qual foi consagrado pelo papa Santo Estêvão e enviado àquele país a pregar o Evangelho.

São Donato da Escócia, bispo de Fiesole, na Toscana.

São Verecundo, bispo e confessor, em Verona.

Santa Maria Salomé, em Jerusalém; a qual, como se lê no Evangelho, foi ansiosa ao sepulcro do Senhor. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

A vida de São João Capistrano, cuja memória faz hoje o Calendário do principado da Catalunha, lê-se entre as de amanhã, conforme ao Martirológio Romano.

São Hilarião, Abade

São Hilarião, cabeça e patriarca dos religiosos cenobitas na Palestina, como Santo Antão o havia sido no Egito e São Pacômio na Tebaida, nasceu em Tabatha, aldeia da Palestina, pelos anos de 291. Seus pais eram gentios e, sendo menino, enviaram-no a estudar a gramática na cidade de Alexandria. Havia-o escolhido o Senhor para ser um dos mais ilustres diretores da vida monástica; e assim dispôs que fosse cristão o mestre com quem encontrou. Reconhecendo este no menino Hilarião um natural feliz, um engenho excelente e um fundo de inocência pouco ordinário em outros meninos de sua idade, aplicou-se com particular cuidado a cultivar aquela terna planta; e a primeira prova que lhe deu de sua especial inclinação foi instruí-lo na verdadeira Religião e fazer que recebesse o Batismo. Sendo já cristão Hilarião, em breve tempo adquiriu todas as virtudes da religião que professava; e ainda que os progressos que fazia nas ciências eram verdadeiramente admiráveis, muito mais assombrosos eram os que fazia cada dia na ciência dos Santos. Não tinha outra diversão que concorrer aonde se juntavam os Cristãos. Sua devoção, sua modéstia e sua compostura na igreja faziam-no reparar de todos, não sendo menos admirado num menino de doze anos um juízo muito superior a sua idade e tal pureza de costumes que todos o veneravam como a um anjo. Não se falava à sazão de outra coisa em todo o Egito que da admirável vida de Santo Antão; com cuja ocasião entrou o menino Hilarião em vivos desejos de conhecer um homem tão célebre por sua santidade, para aprender a ciência dos Santos na escola de tão sábio como experimentado mestre. Com este intento saiu de Alexandria e encaminhou-se aonde estava o santo Patriarca, que, descobrindo logo as grandes prendas daquele menino e enamorado de seus generosos pensamentos, tomou com particular cuidado o ensino daquele novo discípulo que lhe havia enviado o Senhor; antevendo desde então que com o tempo havia de ser um dos maiores ornamentos de sua Igreja.

Deteve-se Hilarião uma temporada no mosteiro e desde logo foi a admiração de toda aquela santa comunidade. Nenhuma coisa escapava a sua vigilância e a seu fervor; não só estudava as piedosas indústrias de Santo Antão, mas em cada exemplo edificativo dos monges encontrava nova lição para seu aproveitamento. Instruído já perfeitamente em todos os segredos da vida espiritual, manifestou ao santo Patriarca seus desejos de retirar-se a algum deserto para passar toda a sua vida no silêncio da solidão. Aprovou-lhos Santo Antão, dando-lhe salutares instruções para a nova vida, e permitiu-lhe seguir o espírito do Senhor que o chamava a maior retiro. Despediu-se Hilarião de todos aqueles santos monges, que sentiram muito sua partida; e voltado a Alexandria, teve ali

notícia da morte de seus pais, com a qual se achou herdeiro de uma legítima avultada; mas não querendo para si outra herança que a só Deus, cedeu parte de seus bens a seus irmãos e todo o demais repartiu entre os pobres.

Tinha à sazão somente quinze anos; despojado já de tudo por seguir a Jesus Cristo, retirou-se a um deserto distante duas léguas e meia de um pequeno povo chamado Maiuma, sítio espantoso mas solitário e muito mais por infamado com os contínuos roubos e mortes que faziam nele os salteadores. Nem o perigo acobardou a nosso Santo em sua generosa resolução nem a sua delicada compleição fez força o rigor das estações. Ali deu princípio Hilarião àquela perfeita vida que continuou por espaço de sessenta e dois anos com um fervor que nunca se entibiou e com tão rigorosas penitências que assombraram o mundo. Seu vestido se reduzia a um saco grosseiro e a uma túnica de peles com que o havia regalado Santo Antão. Seu alimento nos princípios eram quinze figos ao dia, que tomava depois de posto o sol; e quando se sentia assaltado de alguma tentação, encurtava a ração até passar três ou quatro dias sem alimento. Era inimigo da ociosidade e tinha repartido todo o tempo entre a oração e o trabalho de mãos; mas sem que este, que era o de fazer cestinhas, interrompesse a oração. Desde os dezesseis anos até os vinte não teve outro alojamento que uma pobre cabana de juncos que ele mesmo fabricou e não o defendia nem do rigoroso frio do inverno nem dos excessivos ardores do estio. Depois fabricou uma celinha tão estreita que em rigor era uma sepultura e até na figura o parecia. Nunca teve outra cama até a morte que uma esteira de juncos estendida na dura terra. Desde os vinte e um anos até os vinte e sete era sua comida um punhado de lentilhas molhadas em água fria; o resto de sua vida foi um rigidíssimo jejum, reduzindo-se seu alimento a seis onças de pão de cevada com algumas raízes insípidas, sem molho nem condimento, e não provando nem fruta nem legumes.

Mas o que mais teve que padecer Hilarião não foi esta assombrosa austeridade de vida. Por mais de sessenta anos esteve sofrendo os mais violentos combates de todo o inferno junto. Para vingar-se este do domínio que o céu lhe havia dado sobre todas as suas tenebrosas potestades (as quais a só o nome de Hilarião saíam dos corpos que tiranizavam e só com deixar-se ver o Santo se achavam precisadas a abandonar os ídolos e os templos), pôs em movimento toda a sua malignidade para perder ou ao menos para inquietar e para atormentar a nosso Santo. Espectros horríveis, fantasmas espantosas, representações torpíssimas, de tudo se valeu para atemorizar seu espírito ou para manchar sua imaginação. Hilarião recorria à oração e à penitência; e para castigar o espírito, que continuamente o inquietava com impuras imaginações, atormentava seu corpo, cerceando-lhe ainda aquele escasso alimento que lhe concedia, passando os quatro e os cinco dias sem provar bocado e acrescentando a estes excessos de abstinência iguais excessos de trabalho. Ouvia-se-lhe algumas vezes dizer a seu mesmo corpo: «Eu te farei, burrinho, que não dês coices; eu te matarei de fome e de sede, te carregarei e te farei trabalhar pelo calor e pelo frio; de maneira que só penses em comer e em descansar e não em brincar nem em refocilar-te.» Se o inimigo o fatigava a ele, ele também fatigava o inimigo com excessivas penitências; de maneira que seu corpo chegou a ser um esqueleto, armação de ossos cobertos com o pelego.

Como o demônio não pôde lograr que deixasse seus exercícios espirituais, pretendeu ao menos perturbá-lo neles. Umas vezes fazia que ouvisse como à porta de sua cela clamores de meninos, prantos de mulheres, balidos de ovelhas, mugidos de bois, rugidos de leões, bramidos de feras que o faziam estremecer. Estando numa ocasião cantando salmos, apresentou-se-lhe à vista um

combate de gladiadores, em que um caía como morto a seus pés e lhe pedia que lhe desse sepultura. Fazendo oração noutra com o semblante pegado contra o pó, distraiu-se algum tanto e sentiu sobre as costas como o peso de um homem que o tinha debaixo dos pés e lhe dava pontapés, dizendo-lhe ao mesmo tempo em tom mofador e burlesco: «Ouves? Pois quê, dormes? Distrais-te? Divertes-te?»

Havia já vinte e dois anos que dia e noite estava combatendo Hilarião em seu horroroso deserto quando quis enfim o Senhor manifestar ao mundo a eminente santidade de seu grande servo por meio dos milagres. Elpídio, cavalheiro ilustre (com o tempo foi prefeito do pretório), voltava de visitar Santo Antão com sua mulher Aristenete e com seus filhos. Tendo chegado a Gaza, caíram tão gravemente enfermos todos três filhos que os médicos os desenganaram. Aflita a desconsolada mãe, chorava-os já por mortos quando lhe deram notícia de que havia um grande servo de Deus num deserto muito vizinho. Passou imediatamente lá e pôde tanto com suas lágrimas e com seus rogos que o rendeu a vir a Gaza. Logo que se aproximou dos enfermos fez uma breve oração a Jesus Cristo e no mesmo ponto ficaram perfeitamente sãos os três filhos de Elpídio. Espalhada por todo o Egito a fama deste milagre, de todas as partes concorriam em tropas os enfermos dos povos a buscar a saúde em nosso Santo e todos eram ouvidos e felizmente despachados. Acompanhava pelo comum a saúde da alma à do corpo; e em menos de seis meses ganhou para Jesus Cristo um prodigioso número de idólatras. Fazia-o dono de quantos corações o tratavam de perto uma santidade doce, aprazível, grata e compassiva, que foi sempre o caráter de nosso Santo; pelo que em breve tempo se viu o deserto povoado de solitários: e apesar do desejo de Hilarião, ansioso de viver só em seu retiro, cada dia crescia o número de seus discípulos. Não se havia visto até então mosteiro algum na Palestina nem na Síria algum outro solitário; de maneira que Hilarião foi o primeiro que introduziu este gênero de vida naquele país. Crescendo cada dia sua reputação com as maravilhas que obrava, fundaram-se muitos mosteiros na Palestina, os quais todos quiseram estar debaixo de sua obediência. Deu-lhes regras e os governou com tanta prudência, com tanta doçura e com tanta caridade que se contava o número dos Santos pelo número dos monges. Chegava este ao de três ou quatro mil solitários sob a direção e disciplina de São Hilarião, que cada ano os visitava a todos, a todos falava e acendia em todos o fervor com suas visitas, com suas palavras e com seus exemplos. Acompanhavam-no na visita dois mil filhos seus que não podiam perder de vista tão bom pai; e como o alimento de todos estes santos anacoretas se reduzia a raízes e a ervas silvestres, não lhes pesava muito a provisão de um pouco de pão que cada um levava para si e caminhavam sem ser gravosos a ninguém.

Fazendo uma destas visitas e passando ao deserto de Cades, achou-se por casualidade em Elusa, povo da Iduméia e todo ele idólatra, pontualmente em certo dia em que toda a gente havia concorrido ao templo de Vênus para celebrar sua festa. Não é fácil explicar a viva dor de nosso Santo à vista de toda aquela pagã multidão. Conheciam todos a São Hilarião pelos muitos energúmenos de sua nação que havia livrado da tirania do demônio e pelos muitos enfermos a quem havia dado saúde; pelo que, logo que tiveram notícia de que havia chegado ao lugar, concorreram todos de tropel a visitá-lo, juntamente com um sacerdote ou sacrificador que já estava coroado e revestido para oferecer as vítimas ao ídolo. Vendo-se o Santo em meio deles e comovido vivissimamente de sua lastimosa cegueira, não pôde reprimir as lágrimas; e animado então daquele zelo que é sempre inseparável da verdadeira santidade, falou-lhes com tanta eficácia e com tanta moção sobre sua lastimosa desgraça de viver sepultados nas trevas do

gentilismo e de oferecer sacrifícios ao demônio; pôs-lhes à vista a verdade e a santidade da religião cristã com tanta energia e com tanta majestade que toda aquela multidão ficou suspensa e movida. Acabou então a Graça a obra que havia começado por meio de nosso Santo e levantou-se um grito universal de todos os pagãos que, reconhecendo sua cegueira, clamavam pelo Batismo. À vista de tão alegre suceso enxugaram-se logo as lágrimas de Hilarião, que sem perder tempo empregou toda a sua eloquência e todo o seu zelo em instruí-los e em confirmá-los em sua resolução. Um dos que se mostraram mais fervorosos foi o mesmo sacrificador; o qual, revestido com todos os seus supersticiosos ornamentos, protestou que não se retiraria enquanto não fosse admitido no número dos catecúmenos. Lançou-se por terra o templo e o ídolo foi feito pedaços por aqueles mesmos que se haviam juntado para oferecer-lhe sacrifícios; nem deixaram sair do lugar nosso Santo até que lhes traçou o plano de uma igreja que se fabricou em muito breve tempo.

Refere-se que, tendo chegado Hilarião a certo mosteiro, o mordomo da casa, que era muito cobiçoso e avarento, o quis regalar. Tinha o tal mordomo uma hortinha particular e tão pegado o coração a ela que vivia numa contínua inquietude, com o afã de que não lhe furtassem algo, mostrando no angustioso cuidado com que a guardava seu espírito avarento, mesquinho e proprietário. Sabendo o tal monge que o Santo não o olhava com bons olhos por seu gênio interesseiro e cobiçoso, pareceu-lhe que poderia ganhar-lhe a vontade regalando-o com um molho de favas verdes. Serviu-as à mesa Hesíquio, companheiro do Santo, o qual, mal as viu, exclamou que as apartassem dali, porque fediam a um fedor de avareza insuportável; acrescentando que nem os brutos as poderiam tolerar e mandou a Hesíquio que fizesse a experiência. Com efeito, tendo-as lançado aos bois, logo que as viram começaram a espantar-se, a bramar extraordinariamente e enfureceram-se tanto que, rompendo a corda, lançaram a correr, enchendo o ar de temerosos rugidos.

Entretanto, chamando-o sempre a Hilarião sua natural propensão à solidão, gemia sem consolo, vendo-se continuamente rodeado e como sufocado dos inumeráveis que o vinham buscar, uns pedindo milagres e outros solicitando instruções. Os bispos, os presbíteros, os clérigos e os monges; as senhoras cristãs, os lavradores, os magistrados e as pessoas da primeira distinção, todos acudiam a ele em suas necessidades espirituais; mas vencido enfim de seu amor ao retiro, determinou pô-lo em execução e esconder-se numa solidão onde vivesse desconhecido ao resto dos homens. Logo que se entendeu sua resolução, comoveu-se todo o país. Amontoaram-se perto dele mais de dez mil pessoas e o conjuraram com seus clamores e com suas lágrimas que não desamparasse a Palestina; mas o Santo se manteve imóvel no que tinha resolvido, protestando que não comeria nem beberia enquanto não o deixassem marchar. Guardavam-no sem perdê-lo de vista; mas enfim, vendo que efetivamente não havia querido provar bocado em sete dias, acharam-se precisados a condescender. Partiu acompanhado de uma infinidade de gente até Betel: ali os despediu a todos, ficando-se só com alguns solitários, em cuja companhia foi ao mosteiro de Santo Antão para celebrar o dia de seu aniversário. Desde aqui encaminhou-se a Afrodito no alto Egito, detendo consigo só dois monges, e fez alto num deserto imediato àquela cidade, onde se entregou à abstinência, ao silêncio e a todos os demais rigores, com tanto fervor como se começasse então a carreira. Desolava todo o país uma seca de três anos; e noticiosos os moradores da chegada do Santo, acudiram todos a ele suplicando-lhe que lhes alcançasse do céu abundante chuva; logrou-a e a esta maravilha seguiram-se outras muitas. Com isto o lançaram logo do país as honras que todos lhe faziam. Determinou ir sepultar-se no deserto de Oásis. Tendo

chegado a Bruquion, arrabalde de Alexandria, partiu dali a mesma noite que chegou, dizendo aos que se empenhavam em detê-lo que, se fazia noite naquele sítio, todos o passariam mal por seu motivo; e com efeito, a manhã seguinte chegou um destacamento de soldados, despachados por Juliano o Apóstata, para prender o Santo, como o maior inimigo do paganismo que o ímpio Imperador intentava restabelecer.

Entrou Hilarião no horroroso deserto de Oásis, onde esteve oculto por espaço de um ano; mas seguindo-o a todas as partes sua reputação, sem poder livrar-se dela, determinou passar às ilhas desertas para viver desconhecido. Com este intento encaminhou-se ao porto de Parotônio, onde se embarcou para a Sicília com um discípulo seu chamado Zanã. Quando estavam já em alto-mar entrou o demônio no corpo do filho do patrão do navio e começou a gritar: «Hilarião, deixa-me em paz ao menos no mar; e só te peço que me dês tempo para chegar à terra.» Ao que o Santo respondeu: «Se meu Deus to permite, fica; mas se ele te lança fora, não o atribuas a um miserável pecador como eu.» Ao instante ficou livre o rapaz; e toda a graça que pediu Hilarião ao patrão e a toda a equipagem foi que não descobrissem seu nome a pessoa vivente. Desembarcou em Paquino e meteu-se terra adentro. Estava como enterrado numa espantosa solidão quando um energúmeno o descobriu em Roma e, pelos indícios que deu o mesmo demônio, passou à Sicília; prostrou-se diante da cabana do Santo e ao ponto ficou livre. A este milagre seguiu-se o da curação de todos os enfermos que acudiram a ele de todas as partes; tanto que se estendeu sua fama até a Grécia e ali soube seu querido discípulo Hesíquio que seu santo mestre estava na Sicília. Partiu ao ponto a buscá-lo e, como o achasse determinado a ir esconder-se em algum país de bárbaros, o mesmo Hesíquio o levou a Epidauro, na Dalmácia. No ano de 365 o mar saiu de seus limites e ameaçava sorver toda aquela cidade. Noticiosos os vizinhos de que o estrangeiro era o célebre obrador de milagres, buscaram-no, apanharam-no e levaram-no à margem. Fez o Santo três cruzes sobre a areia e ao ponto se deteve o mar. O ruído que meteu este milagre foi bastante motivo para que Hilarião escapasse a outra parte. Embarcou-se, aportou à ilha de Chipre e sepultou-se vivo no oco de um horroroso penhasco; mas logo o descobriram os energúmenos. Parecia ao Santo haver encontrado um deserto onde não seria conhecido; mas seus mesmos milagres lhe faziam traição em todas as partes. Manteve-se ali cinco anos, fazendo uma vida mais parecida à dos Anjos que à dos homens. Espalhou-se enfim a voz de que Hilarião havia pronosticado sua morte e ao ponto concorreu inumerável multidão de gente de toda a ilha e o Santo fez a todos darem-lhe palavra de que haviam de enterrar seu corpo no mesmo sítio onde expirasse. Chegada a hora em que o Senhor queria premiar seu fiel servo, sentiu certa espécie de temor; mas alentando então seu fervor e sua confiança, voltou-se a sua mesma alma e lhe disse: «Sai, alma minha, sai; que temes, que te acobarda? Quase setenta anos há que serves a Jesus Cristo, e todavia temes morrer!» Ao dizer estas palavras rendeu seu espírito no ano de 371, aos oitenta de sua idade. Enterraram seu corpo no lugar que o mesmo Santo havia desejado; mas dez meses depois seu querido discípulo Hesíquio o furtou secretamente e o levou a seu antigo mosteiro de Maiuma. Muito em breve se fez glorioso seu sepulcro pelos milagres. Acharam-se seus hábitos tão inteiros como quando morreu e seu corpo tão fresco e tão intacto como se estivesse vivo. Sucedeu sua morte no dia 22 de outubro, em que a Igreja celebra sua festa.

Santa Maria Salomé, Viúva

Era consequente aos grandes benefícios que tem recebido a Espanha de seu primeiro apóstolo e patrono Tiago que nossa Igreja tivesse em grande preço a memória de sua santa mãe, tantas vezes celebrada nos Evangelhos; e que elegesse no discurso do ano um dia em que lhe dedicasse festividade. Pelo discurso de muitos séculos esteve sem celebrar-se a memória desta Santa, até que o arcebispo e cabido da santa igreja de Santiago, refletindo sobre uma falta que poderia atribuir-se a toda a nação, procuraram remediá-la com piedosa indústria. Dispuseram um ofício próprio desta Santa, a quem já anteriormente celebrava a igreja Compostelana; e tendo pedido sua aprovação à sagrada Congregação de Ritos, viu esta e reconheceu a justiça da súplica e em sua consequência expediu seu decreto a 28 de agosto de 1762, no qual, atendendo às preces do Rei católico, não somente aprovou o ofício com o rito de segunda classe para todo o arcebispado de Santiago, mas o estendeu também com o de duplo maior para todos os domínios da Espanha. O doloroso é que desta mulher virtuosa sejam tão escassas as notícias que nos ficaram; mas elas servem não só para comprovar sua existência, mas para fazer tão autêntica sua santidade que de poucos Santos se poderão produzir monumentos tão fidedignos. Estes se reduzem unicamente aos que se contêm nos quatro Evangelhos e ao que deles se deduz sem violência, maiormente quando está apoiado com o dito ou sentença de algum santo Padre. Sob este conceito referiremos o que desta santa mulher disseram os Evangelistas, que será o bastante para formar um juízo cabal de sua santidade e alguma ideia de sua vida, que é como segue:

Foi Santa Salomé mulher de Zebedeu e mãe dos gloriosos apóstolos Tiago o Maior e São João Evangelista, chamado por outro nome o Discípulo amado. Não se sabe o lugar de seu nascimento nem quem foram seus pais, mas sabe-se que era parenta da Virgem santíssima; por cujo motivo se trata seus filhos no Evangelho como consanguíneos de Jesus Cristo. Pode-se presumir que seria oriunda de Nazaré, onde sabemos que tinham sua casa os pais da Mãe de Deus. Como a toda esta santa descendência estavam feitas as magníficas promessas do nascimento do Messias e se aproximava já o tempo de ser inteiramente cumpridas, o mesmo Deus cuidava de derramar copiosamente suas graças em todos os indivíduos desta linhagem. Santos e virtuosos eram Joaquim e Ana, santos e virtuosos Isabel e Zacarias, varão justo era o santo José, santos e santíssimos foram Tiago e São João, virtuosos seus pais, e por esta mesma razão podemos conjeturar que o seriam também seus avós. Estes dariam uma educação a Santa Salomé muito semelhante à que ela dava a seus filhos, cuja bondade se comprova com a pronta correspondência que deram aos divinos chamamentos e a admirável presteza com que seguiram a Cristo. Casada com Zebedeu, que era pescador de ofício, ainda que com barca própria, deixa-se conhecer ou que não era tanta sua nobreza, como diz o Padre São Jerônimo (Epist. 16 ad principiam Virginem), supondo que era conhecido do sumo pontífice pela nobreza de sua linhagem, ou que a escassez de bens de fortuna o haviam obscurecido, como acontece frequentemente no mundo. O certo é que seus haveres não passavam de uma barca e umas redes, as quais não deviam estar muito boas; pois quando Jesus passou pelo lago de Genesaré, que os hebreus segundo seu costume chamavam mar, estavam compondo-as e remendando-as, prova de que não eram novas nem estavam naquele estado que as costumam ter as pessoas ricas e poderosas. Orígenes, no livro I contra Celso, pretende colocar esta santa família numa mediania de nobreza, fazendo distinção entre o navegante ou marinheiro e o pescador; atribuindo a este último um estado humilde de pessoas que ganham o sustento com muito trabalho e com o suor de seu rosto e ao primeiro maior riqueza e algumas conveniências. Mas esta distinção parece algo frívola, porque também Simão Pedro tinha sua nave própria, como se diz no capítulo 5 de São Lucas, sem que por isso se o extraia da

condição de um pobre pescador. De tudo isto resulta que Santa Salomé era de pobre linhagem, atendendo aos bens de fortuna; mas muito rica, se se atende à retidão de costumes.

No tempo em que Jesus Cristo chamou a seus dois filhos ao apostolado, nada se diz de que fizesse oposição ou sentimento, o que é prova de grande virtude. Tanto Tiago como São João eram já de idade competente para ajudar a seu pai no exercício da pesca; isto sem dúvida alguma lhes traria grande utilidade: por outra parte é bem notório o amor que têm as mães a seus filhos e que sempre quisessem tê-los a seu lado, para ter perto de si em que desafogar o amor maternal. Amor por uma parte e interesse por outra são dois agentes muito poderosos a respeito do coração de uma mulher. Sem embargo disto, conta-lhe seu marido Zebedeu o que havia passado com seus dois filhos, como, estando à margem do mar, havia passado por ali Jesus, lhes havia mandado que o seguissem e ao momento o haviam seguido, deixando as redes, deixando seu ofício e, o que é mais que tudo, deixando a seu mesmo pai. Quando Zebedeu referia estas coisas, via Santa Salomé que eram verdadeiras; pois realmente via que não haviam voltado seus filhos a tomar o alimento diário em sua própria casa. Qualquer mãe em semelhantes circunstâncias parece que havia de acusar de ingratos a seus filhos e de tirano, cruel ou enganador ao que os havia arrancado do seio de sua casa. Nada disto se lê de Santa Salomé; antes bem pode crer-se que concebeu uma santa inveja de São João e Tiago e que desde aquele mesmo instante propôs imitá-los, se era servido Deus quebrantar os laços do matrimônio que por então a tinham atada. Não deveu de tardar em suceder assim, segundo parece do santo Evangelho, pois vemos que bastante antes de sua morte seguia a Jesus Cristo, juntamente com outras mulheres piedosas, naturais da Galileia. Isto era um costume entre os hebreus e no capítulo 8 de São Lucas assinalam-se muitas mulheres que seguiam a Jesus e aos Apóstolos servindo-os e dando-lhes de suas próprias fazendas por só a recompensa de que lhes ensinassem e dirigissem pelo caminho da vida. São Jerônimo sobre São Mateus adverte este mesmo costume dos judeus; pelo que o vulgo não se escandalizava; e escrevendo São Paulo aos Coríntios (Epist. I, 9) pergunta assim: «Porventura não tenho eu faculdade de levar uma mulher em qualidade de irmã pelos povos e cidades onde prego, como o fazem os demais Apóstolos?» Logo, pois, que Salomé se viu livre das ataduras do matrimônio pela morte de seu marido Zebedeu, vendeu o que tinha e levou o preço aos pés de Jesus Cristo, prometendo segui-lo, como o faziam os Apóstolos e muitas mulheres piedosas. Nisto mesmo se manifesta o desprezo com que olhava esta santa mulher as coisas terrenas e o esmero com que anelava pelas celestiais e divinas. Em companhia de Jesus e de tantas piedosas mulheres como o seguiam, nada podemos supor nela que não seja muito conforme à doutrina do Evangelho, de que faziam profissão; mas sem embargo, fosse por amor de mãe, fosse pela satisfação que lhe inspirava o parentesco com Jesus Cristo, fez a este Senhor uma pretensão que causou por então grande distúrbio entre os Apóstolos e tem sido causa de que posteriormente alguns santos Padres a tenham notado a ela e a seus filhos de ambiciosos.

Salomé havia ouvido dizer a Jesus (Mt 19) que seus doze Apóstolos se haviam de sentar com ele em doze cadeiras para julgar as doze tribos de Israel e já desde então havia concebido pensamentos de pedir a Jesus Cristo que olhasse a seus filhos com alguma distinção. Ouviu-o dizer depois aquela admirável parábola dos trabalhadores da vinha, aos últimos dos quais deu igual prêmio que aos primeiros, ao que se seguiu uma notícia certa do que lhe havia de suceder dentro de pouco. Caminhava Jesus a Jerusalém e, chamando à parte seus Apóstolos, disse-lhes: «Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos

escribas, os quais o condenarão à morte e o entregarão às gentes para que façam dele escárnio e o açoitem e o crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará.» Os filhos de Salomé não puderam calar o segredo e assim deram parte a sua mãe do que lhes havia dito Jesus Cristo. Santo Agostinho (liv. 2 de Consensu Evangelist., cap. 64), São João Crisóstomo (Homil. 66) e outros pensam que Santa Salomé foi instada e movida de seus mesmos filhos a fazer a petição que logo referiremos; mas isto não consta do Evangelho. É certo que Jesus dirigiu sua resposta aos dois Apóstolos: é também certo que São Marcos refere como vieram eles mesmos a fazer a pretensão; mas quase todos os santos Padres e expositores do Evangelho referem esta história da maneira que a conta São Mateus e concordam os Evangelistas dizendo que Jesus Cristo respondeu diretamente aos Apóstolos porque lhes atribuiu a eles a pretensão de sua mãe. Esta, pois, foi a Jesus, acompanhada de seus dois filhos e, tendo-lhe feito antes reverência, ficou como cortada em ademane de querer pedir alguma coisa, mas sem atrever-se a declarar sua petição. Bem conheceu o amoroso Jesus todos os segredos de seu coração e poderia ter-lhe voltado as costas, sem permitir que declarasse sua debilidade; mas quis que manifestasse a chaga para, como médico celestial, aplicar a medicina. Disse-lhe, pois: «Que é o que queres? Conheço em teu semblante que tens comigo alguma pretensão e que não te atreves a manifestá-la: dize, pois, a que se reduz o que desejas, para comprazer-te se é tua pretensão justa.» Vendo Salomé que Jesus lhe franqueava a porta para introduzir sua pretensão, disse-lhe já sem receio: «Senhor, pretendo que em vosso reino se sentem estes dois filhos meus, um à direita e outro à esquerda, ocupando as duas primeiras e principais dignidades.» Logo que Jesus Cristo ouviu a pretensão, conheceu que procedia de afeto terreno e ambição e desde logo se propôs curar de raiz aquele mal, ensinando-lhes o que naquela matéria prescrevia a lei do Evangelho. Alguns santos Padres, ou por melhor dizer a maior parte deles, convêm em que Salomé cometeu excesso nesta petição e que não devera haver condescendido com as solicitudes de seus filhos; e na verdade a severa resposta de Jesus Cristo convence isto. Sem embargo, São Jerônimo e Santo Ambrósio a desculpam: o primeiro, dizendo que era ignorância mulheril e um piedoso afeto para com seus filhos; e o segundo diz que, se é erro, é erro de piedade, porque as maternais entranhas não podem sofrer dilações quando se trata da comodidade de seus filhos; e assim diz o santo Padre: «Considerai que é mãe, refleti que é mãe.» Orígenes (Homil. 25 in Lucam) diz que alguns heréticos asseguraram que a destra e sinistra que solicitaram Tiago e São João foram concedidas a São Paulo e a Marcião. Mas deixando à parte as várias exposições dos sagrados intérpretes, sigamos a história de nossa Santa.

Conceituou Jesus Cristo que os apóstolos Tiago e São João estavam todavia muito apegados às coisas terrenas e assim quis examiná-los perfeitamente, lançando-lhes primeiro em rosto o errado de sua pretensão, pelo que lhes disse: «Não sabeis o que pedis: podeis beber o cálice que hei de beber eu?», isto é, podereis padecer os horríveis tormentos que anteriormente vos tenho manifestado me aguardam em Jerusalém e, além disto, uma morte afrontosa? Os hebreus significavam os maiores males e trabalhos com os nomes de cálice e de batismo, como se adverte nos salmos 10, 68, 74 e 113, temperando com estas vozes agradáveis o áspero e amargo das perseguições e infortúnios. Sem embargo disto, como estava tão recente a relação que lhes havia feito Jesus Cristo do que havia de padecer em Jerusalém e como havia de ser entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas para ser escarnecido, açoitado e cravado numa cruz, não podiam ignorar que sob o nome de cálice e de batismo se significavam aquelas terríveis penas. Mas quando a ambição chega a apoderar-se do coração humano, por mínima que seja, cega e obscurece os ditames da razão e todo prudente discurso. Assim sucedeu em São João e Tiago, pois,

sem aguardar que sua mãe respondesse à pergunta de Jesus, responderam eles confiados mais do que era justo: «Sim, Senhor, podemos beber o cálice que haveis de beber e achamo-nos com forças e resolução para ser batizados com vosso batismo.» A Sabedoria infinita conheceu muito bem a néscia confiança de onde procedia aquela resposta, mas não quis desanimá-los, porque também conheceu ao mesmo tempo a grandeza de alma e presteza de vontade que manifestavam em servi-lo; e que os que desejavam estar à destra e sinistra de sua pessoa não deixavam de manifestar-lhe bastante amor. «Bebereis meu cálice, disse-lhes; mas o sentar-vos a minha destra ou a minha sinistra não está em minha mão o concedê-lo a vós, mas será para aqueles para quem está preparado por meu Pai.» Quer dizer: as primeiras cadeiras de meu reino não são como as dignidades terrenas nem se dão por respeitos de parentesco, amizade ou recomendação; dão-se sim àqueles que, segundo os eternos decretos de meu Pai, se farão mais acreedores. Aos que combaterem melhor suas paixões, aos que fizerem um justo apreço das inspirações da Graça, aos que não recusarem os trabalhos nem as fadigas, aos que, finalmente, cumprirem a lei evangélica, a estes lhes serão distribuídas as recompensas à proporção de seu mérito, sem que lhes falte no mais mínimo ápice da justiça. Desta maneira, sem tirar-lhes a esperança de poder conseguir as primeiras honras, os estimulou a merecê-las com as obras, no que se adverte uma conduta própria da divina Sabedoria e da infinita misericórdia.

É de crer que Santa Salomé, depois desta instrução de Jesus Cristo, se esmeraria mais e mais em desarraigar de seu coração os afetos terrenos e em seguir sua santíssima doutrina com maior pureza. É crível também que se achasse presente àqueles altíssimos discursos e lições de caridade que deu o divino Mestre nos últimos trechos de sua vida. Ao menos sabe-se do Evangelho que no tempo borrascoso da paixão, quando todos os Apóstolos haviam fugido, à exceção de São João, esta Santa, juntamente com outras mulheres, o acompanhou até o Calvário, sem que o terror dos soldados amedrontasse a debilidade de seu sexo nem diminuísse sua fé, porque o viam padecer a Jesus como se fosse puro homem e facínora. É verdade que somente a Virgem Maria e São João estavam junto à cruz; mas Salomé e as demais mulheres que o haviam seguido da Galileia permaneciam não muito longe dali. Esta Santa foi também das que acompanharam o santíssimo corpo de Jesus quando o levaram ao sepulcro e esteve tão longe de rebaixar o conceito que tinha formado do divino Mestre que antes bem desde então começou a esperar sua ressurreição. Na tarde do sábado juntou-se com outras mulheres piedosas e compraram aromas com ânimo de ir pela manhã a ungir o cadáver de seu mestre. Concertaram isto entre si, sem dizer nada aos discípulos, e no sábado muito de manhã foi Salomé com as demais mulheres a pôr em execução seus piedosos intentos. Pelo caminho foram falando sobre a dificuldade de tirar a pedra com que haviam coberto o sepulcro; mas sem embargo não perderam a esperança. Chegaram lá, encontraram o sepulcro aberto e, tendo entrado nele, não acharam o corpo de Jesus. Consternou-se Salomé com as demais; mas sua consternação durou pouco, porque imediatamente lhes apareceram dois Anjos vestidos de branco e cercados de resplendores, os quais lhes asseguraram como havia ressuscitado segundo o havia prometido; disseram-lhes também que dessem conta disto aos demais discípulos; e que os precederia na Galileia como o havia prometido. Ficaram as Santas surpreendidas com a vista dos Anjos e muito mais com o que lhes disseram da ressurreição de Jesus Cristo. O temor e a alegria se apoderou de seus corações e, saindo Salomé e as demais do sepulcro, lançaram a correr para dar aos discípulos a nova que haviam ouvido; mas em meio de sua carreira foram todavia muito mais felizes, porque lhes apareceu Jesus ressuscitado e lhes

disse: «Deus vos guarde.» Salomé e as demais, conhecendo a Jesus, foram a ele, prostraram-se em sua presença e abraçando-se de seus pés sacratíssimos tributaram-lhe as mais humildes adorações. Jesus, cheio de dignação e de benignidade, lhes disse que não temessem, que fossem anunciar sua ressurreição a seus irmãos, encarregando-lhes que fossem à Galileia, onde o veriam. Executaram-no assim as santas mulheres e não se sabe mais do resto da vida de Santa Salomé. O Breviário atual da Espanha assegura que sofreu perseguições, o que é muito crível, atendida sua constância na fé e as perseguições sangrentas que moveram os judeus contra os discípulos de Jesus Cristo. O Martirológio Romano diz que morreu em Jerusalém, outros testificam que morreu na Provença e que ali se conserva seu corpo. Um e outro é duvidoso; mas não o é que descansa com seu filho no céu e que desde ali empregará seu patrocínio, como o faz também Tiago, em benefício dos espanhóis e de todos os fiéis.

Santa Nunilo e Santa Alódia, Virgens e Mártires

O piedoso desejo de enobrecer-se com o nascimento e com o glorioso triunfo de Santa Nunilo e de Santa Alódia tem feito que as cidades de Huesca, assim do reino de Aragão como do de Granada, pretendam ser pátria destas duas ilustres Virgens e Mártires de Jesus Cristo; mas Ambrósio de Morales, célebre cronista do rei Filipe II, é de sentir que padeceram perto de Nájera e que foram naturais de um povo da província de Rioja chamado antigamente Bosca, pelo qual escreveram alguns Osca ou Huesca, dando motivo a semelhantes pretensões. Sob este suposto e o de apoiá-lo assim a tradição constante daqueles naturais com a autoridade de não poucos escritores de particular nota, inclinamo-nos a crer que Santa Nunilo e Santa Alódia nasceram no lugar de Bañares, chamado antigamente Bosca, pouco distante da antiga cidade de Castrovigeto, hoje Castroviejo, pequena vila à entrada da serra de Cameros. Ambas eram filhas de pai maometano e de mãe cristã, cujos matrimônios eram muito comuns na Espanha naquelas lamentáveis idades em que se achava a nação sob o domínio dos africanos. Criou-as sua mãe na religião de Jesus Cristo e, tendo impresso em seus ternos corações as piedosas máximas do Evangelho, regularam seus costumes com o espírito da lei santa de Deus, de sorte que, ainda que se criaram num povo ocupado pelos bárbaros, cultivaram tanto a piedade que eram a admiração de todas as gentes, pondo-as todas por modelo e por exemplar.

Ocorreu a morte dos pais de Nunilo e de Alódia quando contavam doze e treze anos de idade e, tendo ficado órfãs, entraram sob a tutela de um tio e parente, fero partidário da seita maometana. Publicou por então Mohamed, rei de Córdova, inimigo capital dos Cristãos, um edito geral pelo qual ordenava que todo aquele que fosse filho de pai ou mãe agareno estivesse obrigado sob pena de morte a deixar a religião de Jesus Cristo e abraçar a seita de Maomé. O tio das duas ilustres Virgens havia intentado pervertê-las e, reiterando suas instâncias por motivo do novo edito, fez quanto pôde para obrigá-las a que seguissem a lei que professou seu pai; mas achando-as sempre firmes e constantes na fé, delatou-as a Zumayl, califa ou governador da região Werbetana, que tinha sua residência na cidade de Castroviejo, uma légua distante de Bosca ou de Bañares.

Mandou Zumayl a Nunilo e a Alódia que comparecessem ante o tribunal e tendo ambas aquela notificação por sinal certo do combate a que eram chamadas, para dar prova de sua fé e de sua fortaleza cristã, partiram de Bosca a Castroviejo a pé descalço, alentando-se uma à outra a padecer com aquelas razões que lhes inspirava o Espírito Santo. Perguntou-lhes o Governador se era certa a delação de seu tio quanto a serem filhas de pai maometano e, tomando a voz Nunilo, que era a maior em idade, respondeu-lhe: «Nós não conhecemos a nosso pai, porque ficamos muito meninas quando morreu; só sabemos que nossa mãe foi cristã e por isso nos educou nesta Religião, que é a que professamos: por cuja defesa estamos prontas a perder a vida se fosse necessário.» Fez Zumayl várias tentativas para separar as duas ilustres Virgens de Jesus Cristo; mas vendo que de nada aproveitavam todos os seus esforços, deixou-as por então voltar livremente a sua pátria, dizendo-lhes que as perdoava por conhecer que eram meninas mal aconselhadas e prevenindo-as de que, se daí em diante não tratavam de seguir a lei de seu pai, mandaria que as decapitassem.

Nunilo e Alódia saíram de Castroviejo para Bañares, cheias de alegria por haver confessado a fé ante o tribunal de um juiz infiel; e acesas em vivíssimos desejos de lograr a coroa e testificar com seu sangue as infalíveis verdades de nossa santa Religião, reduziram toda a sua ocupação desde então a dispor-se para o martírio por meio de fervorosas orações, de rigorosos jejuns e de assombrosas penitências, não duvidando de que não tardaria muito tempo em apresentar-se ocasião de oferecer a Deus o sacrifício de suas vidas. Observava o tio das Santas sua conduta e vendo que, em lugar de emendar-se, faziam ostentação da religião que professavam, sendo a admiração dos fiéis e dos infiéis pela regulada circunspecção de seus costumes e que seus contínuos combates para seduzi-las não produziam outro efeito que o de sua maior confusão, voltou a delatá-las ao governador de Castroviejo, a pretexto de haver faltado a sua prevenção, dizendo-lhe que cada dia estavam mais obstinadas, sem cessar em público nem em secreto de ocupar-se nos exercícios que prescrevia a religião dos Cristãos, maldizendo a um mesmo tempo a lei de Maomé; pelo que era preciso castigá-las severamente, para que com seu exemplo não pervertessem os árabes. Ouviu Zumayl com grande enojo a segunda queixa contra as duas insignes Virgens e, tendo mandado que se apresentassem a seu tribunal, insistiu com muito empenho em que negassem a Jesus Cristo, valendo-se para isso das reconvenções mais eficazes, das promessas mais vantajosas e das ameaças mais terríveis; mas crescendo o valor e a fortaleza de Nunilo e de Alódia a par dos esforços do tirano, deu ordem para que as pusessem com separação em casa de certos mouros de sua confiança, a fim de que as persuadissem da obrigação que tinham de seguir a lei que professou seu pai, em virtude do decreto de Abderramão que acabava de publicar-se, sob pena de padecer uma morte afrontosa.

Sofreram as duas insignes Virgens por espaço de quarenta dias os mais fortes e violentos combates dos africanos; mas sempre mais firmes e mais constantes na fé, saíram vitoriosas das infernais sugestões com que foram tentadas. Achava-se em fervorosa oração Alódia duas noites antes de seu glorioso triunfo e vendo-a rodeada de celestiais resplendores uma filha do hóspede que a tinha em sua casa, maravilhada daquele prodígio, convidou-a com a liberdade se queria salvar-se da morte. Agradeceu Alódia a oferta; mas não a admitiu, porque nela se lhe privava da glória do martírio: só lhe rogou que lhe proporcionasse ver sua irmã e, concedendo-lhe este consolo, abraçaram-se ambas ternamente e animaram-se com novo fervor a padecer por Jesus Cristo.

Soube o juiz árabe o nenhum efeito que produziram as tentativas dos sedutores, fez que comparecessem a sua presença e, redobrando suas promessas e ameaças, disse-lhes por último que mandaria tirar-lhes a vida se não abraçavam sua seita; mas a tudo responderam as duas esforçadas donzelas que fizesse o que gostasse, pois elas estavam prontas a morrer antes que negar a Jesus Cristo. Achava-se em Castroviejo um malvado sacerdote que, pondo o mais infame borrão a seu caráter, havia apostatado da religião cristã por viver impune em seus relaxados costumes: pareceu a Zumayl que aquele ministro de Satanás era muito proporcionado para pervertir as duas ilustres Virgens e entregando-lhas para este efeito, encarregou-lhe que o fizesse com toda a eficácia. Começou a empresa o infeliz presbítero e, entre outras persuasões, reconveio as Santas com a seguinte: «Por que quereis, nobres virgens, morrer no mais florido de vossos anos? Segui a lei que professou vosso pai para que vivais. Eu era sacerdote cristão e manifesto professar a lei de Maomé, para acomodar-me com os africanos. Fazei vós o que os Molitas, isto é, os que no exterior aparentam ser árabes, ainda que no interior sintais o contrário. Procedei assim, que eu enviarei duas testemunhas em cuja presença deponhais que credes a lei de Maomé e, certificando-o assim ao Governador, vos dará liberdade para que possais viver em vossa pátria como cristãs ou em outra parte onde habitam os fiéis, seguindo sua religião.» Ouviram Nunilo e Alódia o ímpio conselho do pérfido sacerdote e, revestidas de um santo zelo, contestaram-lhe: «Se tu por tua sacrílega vida e por tuas lascivas desordens tens renegado, nós desejamos padecer por amor de Jesus Cristo para reinar com ele no céu. Dize-nos: não havemos de morrer em algum tempo? Pois que mais oportuno que este, em que se nos apresenta ocasião de dar a vida pela fé que professamos, assegurando por este meio uma eterna felicidade?»

O ímpio sacerdote deu parte a Zumayl da invencível constância das duas irmãs e, não podendo o bárbaro conter a indignação dentro do peito, mandou ao verdugo que as degolasse imediatamente. Nunilo foi a primeira que se ofereceu ao sacrifício e, compondo o cabelo para receber o golpe, posta de joelhos, com valeroso ânimo disse ao verdugo: «Eia, infiel, fere com presteza.» Atônito e turbado o verdugo errou o golpe na garganta e levou-lhe um pedaço da face, sem cortar-lhe de todo a cabeça e, caindo o corpo em terra, descobriram-se-lhe um pouco os pés com os movimentos naturais que ocasiona a morte. Correu Alódia sem a menor turbação a compor a roupa de sua defunta e, elevando os olhos ao céu, como quem via com luz superior subir ao céu a ditosa alma, disse cheia de alegria: «Espera um pouco, irmã.» Dispôs-se logo para seguir a Nunilo e, para que não lhe sucedesse o que a aquela, atou aos pés as fraldas, para que sua honestidade não padecesse depois de morta. Feito isto, descobriu seu formoso rosto, pôs-se de joelhos sobre o corpo de sua irmã como em altar bem consagrado e naquela postura de imolação recebeu o golpe do alfanje, passando ambas a gozar a visão beatífica no dia 22 de outubro do ano 840, segundo o cômputo que assinala Morales.

Os mouros levaram arrastando os veneráveis corpos das duas ilustres Mártires desde o sítio em que foram degoladas, chamado antigamente as Furcas e hoje os Horcajos, ao campo para que fossem pasto dos cães e das aves; mas o Senhor as livrou de todo insulto com sua adorável providência, em vista do que os Cristãos obtiveram permissão de Zumayl para dar-lhes sepultura. Não tardou Deus em acreditar a glória de suas amadas servas com a particular maravilha de deixar-se ver pela noite luzes resplandecentes sobre o lugar em que as enterraram, pelo que, temeroso o Governador de que os fiéis as extraíssem, mandou enterrá-las num poço profundo que alisassem com terra e pedras crescidas, tudo com o fim de apagar a memória de suas santas

relíquias e que no sucessivo não pudessem ser achadas pelos Cristãos; cujo poço se conserva até hoje e contígua a ele uma fonte cristalina chamada de Santa Nunilo e Alódia, perto da qual há uma ermida sob a advocação das Santas, onde se dividem os termos das duas vilas que concorrem juntas a celebrar sua festividade no dia de seu ditoso trânsito.

A diligência dos infiéis não pôde impedir a repetição das luzes resplandecentes sobre o poço ou cova onde as ocultaram; e continuando aquele extraordinário prodígio, quando conquistou a província de Rioja do poder dos mouros o rei de Navarra D. Íñigo Jiménez, fez a trasladação dos corpos das Santas ao mosteiro de São Salvador de Leyre no dia 18 de junho do ano 842, onde são tidos em grande veneração e se digna Deus obrar muitos prodígios pela poderosa intercessão de suas fidelíssimas servas. Também escreve Ambrósio de Morales que, quando se ganhou aos árabes o reino de Granada, deu-se a cidade de Huesca ao conde de Lerín, hoje dos duques de Alba, de quem descendem os condestáveis de Navarra, o qual levou a ela várias relíquias das Santas que se lhe deram do mosteiro de Leyre e, tendo edificado uma igreja sob sua advocação onde as colocou, daqui tem dimanado a pretensão daquela, insinuada no princípio.

Santa Córdula, Outra das Virgens Companheiras de Santa Úrsula

De onde seja natural a gloriosa Santa Córdula não se sabe, porque não fazem menção disso os historiadores. Somente escrevem que era outra das virgens que, no tempo dos hunos, gente feroz, padeceram martírio com a gloriosíssima Santa Úrsula; e como era muito menina, teve medo e escondeu-se aquela noite em que suas santas companheiras padeceram martírio e por isto não morreu pela fé no mesmo dia. Mas logo no seguinte pela manhã a gloriosa Santa voltou a si e, doendo-se de haver perdido a palma do martírio que as de sua companhia haviam alcançado, saiu do canto do navio onde estava escondida e ofereceu-se para que por amor de Jesus Cristo lhe tirassem a ela também a vida. Vendo os bárbaros hunos que a Virgem era cristã e que constantissimamente confessava a Jesus Cristo, degolaram-na com grande crueldade e assim morreu pela fé e chegou à companhia das demais Virgens com a palma de mártir. E como não se fizesse festa desta Santa como das outras, porque não recebeu martírio o mesmo dia, apareceu a uma reclusa dizendo que fizesse especial festa dela o outro dia depois das Virgens e por isto a igreja de Tortosa, que possui suas sagradas relíquias, reza dela e de Santa Cândida a 22 de outubro. A igreja de Nossa Senhora das Mercês de Barcelona tem também relíquias desta gloriosa Santa. (Domènech, *História dos Santos da Catalunha*.)

Trasladação da Cabeça de Santa Cândida, em Vulgar Catalão

Candia, Virgem e Mártir

Depois que a gloriosíssima virgem e mártir Santa Úrsula com sua companhia padeceu martírio em Colônia, propagou-se entre os Cristãos a devoção das santas Virgens, de tal sorte que muitas igrejas procuraram ter de suas sagradas relíquias, para que merecessem alcançar seu favor, e nisto se manifestou muito devota e solícita a igreja de Tortosa. Pelo que D. Guilherme, arcebispo de Colônia, por rogos, segundo se crê, dos cidadãos da dita cidade, deu a 6 de abril do ano 1351 a cabeça da gloriosa Santa Candia para a catedral dela. A qual relíquia foi ali levada com muita devoção, onde a gloriosa Santa tem mostrado sua poderosa intercessão com muitos milagres. Entre outras maravilhas tem-se larga experiência de que, em tocando sua sagrada cabeça, muitíssimos enfermos ficam livres de mal de cabeça, de garganta e outras enfermidades. (Domènech, *História dos Santos da Catalunha*.)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Salomé, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Domine Jesu, pro cujus amore beata Salome inter primas tibi fideles omnia dimisit, et te sepultum venerari curavit: concede propitius, ut ejus imitatione tecum consepulti, æternæ resurrectionis participes effici mereamur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Senhor e Jesus, por cujo amor a bem-aventurada Salomé, entre todas as almas que vos foram primeiramente fiéis, tudo deixou por vós e cuidou de venerar vosso sagrado corpo quando estava sepultado, concedei-nos, misericordioso Senhor, que, imitando suas obras e sepultados convosco, mereçamos ser participantes da ressurreição eterna. Vós que viveis e reinais, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 dos Provérbios (o impresso remete à página do dia 17).

Provérbios 31,10-31

>

> **Latim:** 10 Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. 11 Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. 12 Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. 13 Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. 14 Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. 15 Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. 16 Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. 17 Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. 18 Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. 19 Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. 20 Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. 21 Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. 22 Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. 23 Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. 24 Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. 25 Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. 26 Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. 27 Consideravit semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. 28 Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. 29 Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. 30 Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. 31 Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: 10 Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. 11 O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. 12 Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. 13 Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. 14 Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. 15 E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. 16 Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. 17 Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. 18 Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite. 19 Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. 20 Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. 21 Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. 22 Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. 23 Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. 24 Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. 25 A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. 26 Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. 27 Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. 28 Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. 29 Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. 30 A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. 31 Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Reflexões

Se todas as mulheres cristãs considerassem com frequência as sentenças do Espírito Santo que se contêm na presente epístola e regulassem a elas sua conduta, todos os fiéis viveriam nesta vida com uma tranquilidade e ventura muito semelhante à que desfrutam os bem-aventurados. Todos aqueles que têm meditado sobre a conexão que têm entre si todos os seres de que se compõe isto que chamamos natureza, quando descem às operações da criatura racional, convêm pela maior parte em que as mulheres são o móvel de quase todos os sucessos da vida social. Elas logram um grande ascendente sobre o coração dos homens; em suas mãos colocou o Altíssimo os mais eficazes atrativos para que se verificasse aquela santa união do matrimônio, sem a qual nem haveria famílias, nem povoações, nem mundo. Além disto, como têm a seu cuidado a formação de todos os corações em seus princípios e são quase as únicas mestras da educação, inspiram seu amor e sua adesão nas máximas de seu ensino e não podem deixar de seguir, ou por cegueira ou por respeito, as determinações de sua vontade aqueles que lhes são devedores de sua existência. Se empregassem este poder, estas concessões de Deus, estes privilégios da natureza e estes encargos da sociedade com aquela integridade e pureza que corresponde, todos os indivíduos da natureza humana sairiam bem educados; seriam a paz e a ventura das famílias e todos os trabalhos que se seguiram ao pecado do primeiro homem achariam consolo e remédio na prudência e santidade de seus ofícios. Qual será a causa de que não se verifique isto e de que, dizendo o Espírito Santo que uma mulher boa é a coroa do varão e o prêmio com que recompensará o céu suas virtudes, sejam tão poucas as mães de família em quem se verifiquem estas promessas? O que se dizia ao princípio: a falta de reflexão e meditação sobre os caracteres com que na presente epístola assinala à mulher forte e virtuosa o Espírito Santo.

A primeira coisa que lhe atribui é a confiança de seu marido, dizendo que nela confia seu coração. Este só caráter é um dos maiores elogios que se podem dar a uma mulher boa, porque com isto está dito que seu esposo não somente está seguro de sua castidade, de seu amor, de sua virtude e de sua prudência, mas descansa nela também em ordem ao governo da casa, por quanto a vê industriosa e solícita; por isso acrescenta que não terá necessidade o marido de procurar muitas presas e despojos na guerra para manter sua família. O segundo caráter é da espécie do primeiro, universal e compreensivo de todas as qualidades necessárias para formar uma mulher forte ou uma boa esposa. Este consiste em dizer que em todos os dias de sua vida não dará a seu marido o mais leve motivo de sentimento, que lhe produzirá sempre bens e nunca males. Pinta depois especificamente os ofícios de uma boa mulher que mereça o nome de matrona virtuosa e diz que a que é tal busca lã e linho, o fia por suas próprias mãos, forma panos e telas, vende-as e com o dinheiro que lhe produz este comércio socorre as necessidades de sua família; de maneira que, com seu trabalho, é semelhante à nave do que comercia e produz iguais efeitos. Pela noite não se entrega ao sono descuidada, mas o interrompe a certa hora para distribuir as respectivas rações aos que hão de ir trabalhar à aurora, dando também às criadas com que vão dispondo seu mantimento. Ao tempo que se manifesta tão industriosa, poupando em sua casa sem miséria mas com economia e trazendo de fora o fruto de seu trabalho, põe os olhos numa terra, compra-a e, com o que lhe frutificaram as manufaturas próprias, plantou nela uma vinha. Longe de parecer delicada, trabalha com suas próprias mãos, maneja por si mesma os negócios e operações que

necessitam maior robustez, contente de trabalhar dia e noite ao ver que o fruto corresponde a sua fadiga. Os bens que consegue não os quer para si só, mas abre suas mãos benéficas para socorrer os miseráveis, que nela sempre acham consolo. Não teme que em sua casa seja sentido o frio da neve, porque todos os seus familiares têm vestido duplo; ela mesma fabrica os tapetes e tapeçarias de várias cores: ela se veste de linho fino e de púrpura e seu marido, ainda melhor vestido que ela, faz a figura de um nobre entre os senadores da terra. A sabedoria, a fortaleza, a misericórdia e a tranquilidade de consciência a acompanham até os últimos instantes de sua vida. Seus filhos fazem eterna sua memória, apregoando-a bem-aventurada e santa, ainda mais com suas obras que com suas palavras, e seu marido faz dela continuamente magníficos elogios. Eis aqui a pintura que faz o Espírito Santo de uma mulher virtuosa, de uma honesta matrona; a este exemplar deverão olhar continuamente as mulheres cristãs, as honestas esposas, as boas mães de família, se querem ser tidas por tais diante dos homens e receber a recompensa de Deus.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São Mateus.

Mateus 20,20-23

> **Latim:** 20 Tunc accessit ad eum mater filiorum Zebedæi cum filiis suis, adorans et petens aliquid ab eo. 21 Qui dixit ei : Quid vis ? Ait illi : Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram in regno tuo. 22 Respondens autem Jesus, dixit : Nescitis quid petatis. Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum ? Dicunt ei : Possumus. 23 Ait illis : Calicem quidem meum bibetis : sedere autem ad dexteram meam vel sinistram non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.

Português: 20 Então se chegou a elle a mãe dos filhos de Zebedeo com seus filhos, adorando-o, e pedindo-lhe alguma cousa. 21 Elle lhe disse: Que queres? Respondeu ella: Dize que estes meus dous filhos se assentem no teu reino, hum á tua direita, e outro á tua esquerda. 22 E respondendo Jesus, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o calis, que eu hei de beber? Disserão-lhe elles: Podemos. 23 Elle lhes disse: He verdade que vós haveis de beber o meu calis: mas pelo que toca a terdes assento á minha mão direita, ou á esquerda, não me pertence a mim o dar-vo-lo, mas isso he para aquelles, para quem está preparado por meu Pai.

Meditação

Sobre os danos da ambição

Primeiro ponto

Considera que a ambição é um vício tão feio e abominável que, ainda prescindindo do sobrenatural, constitui o homem nesta vida num estado tão calamitoso que por isto só deveria aborrecer-se.

Considerando isto São Bernardo, no livro 3 de suas Meditações exclama: «Ó ambição, cruz dos pretendentes, como é que, atormentando a todos, a todos agradas!» Nenhuma coisa atormenta mais acerbamente nem inquieta com maior moléstia. Tem razão São Bernardo; porque o ambicioso nem há trabalho que recuse, nem servidão a que não se abata, nem cativeiro e prisão a que não se sujeite para lograr suas intenções. Se lançamos uma olhada pelos palácios e antecâmaras dos poderosos, acharemos tão repetidos exemplares desta verdade que causa horror ver que a condição de Cristãos não baste para conter os homens de abater-se a tanta humilhação. Porque a que torpes baixezas não se expõe um ambicioso para chegar a lograr a graça daquele por quem espera ser exaltado? Ele prega por virtudes as ações mais injustas, adula seu gênio, engrandece sua ascendência, canoniza de piedades suas tiranias, chama justiça a suas usurpações, faz de fiscal contra os pupilos e viúvas, escusando e ainda justificando a opressão que padecem da parte de seu ídolo e ainda chega sua vileza a tributar respeitos às mais desprezíveis pessoas que habitam nos saguões e cavalariças de sua casa. E isto não o fazem por um breve tempo ou algumas vezes contadas; sua servidão e baixeza deve existir a todas as horas, deve durar todo o tempo que durar a ambição, porque na hora em que falte qualquer destas condições torpes, seu personagem se ofende e cessam todas as esperanças ambiciosas; como estas não podem nascer senão de um coração cheio de soberba, deixa-se conhecer quão duras, quão pesarosas, quão terríveis devem ser semelhantes ações para os miseráveis ambiciosos pretendentes. Porque se não, a que fim são todas aquelas demonstrações vis com que se humilha, adula, lisonjeia, faz-se ver alegre quando está triste e triste quando está alegre, sendo o norte de seus afetos o semblante de seu protetor? Porventura não se humilha e arrasta pela terra para lograr ser exaltado? Sua escravidão e servidão não vão dirigidas a lograr a dominação? Não se faz menor que o mais vil lacaio para levantar-se e sobrepor-se a todos os seus semelhantes? Não sacrifica a verdade e cobre com um véu vergonhoso a sabedoria para fazer-se dono despótico de uma e outra, pretendendo que só domine sua opinião e que não haja mais verdade nem mais razão que a que intimem suas palavras? Registra a conduta dos ambiciosos, de que tantas imagens oferece o mundo, e encontrarás que isto é pontualmente o que passa; acharás que, ainda no que respeita ao temporal, a ambição é o que disse São Bernardo: uma cruz, um tormento, um verdadeiro suplício dos ambiciosos e que portanto constitui o estado mais miserável e calamitoso que pode encontrar-se no mundo. É possível, Deus meu, que, sendo isto assim, hajam de ser tantos os homens que corram atrás de sua própria desventura? É possível que não haja de bastar para retraí-los de um vício tão feio nem aquele medo, turbação e angústia que os agita enquanto dura a pretensão nem aquela mortal tristeza, desprezo e abatimento com que ficam quando veem frustradas suas esperanças, inutilizados seus trabalhos e que o mundo se portou com eles com a perfídia que costuma? Grande Deus, eu vos dou infinitas graças porque neste momento haveis ilustrado minha alma acerca de uma matéria tão perigosa; eu aborrecerei toda dignidade e posto que não me venha destinado por vossa mão e desde este momento me coloco e resigno nas disposições de vossa adorável providência.

Segundo ponto

Considera que, além dos males insinuados que tem que sofrer o ambicioso em ordem ao temporal e terreno, sujeitando-se a vilezas que o degradam, é preciso que, quando chegue um momento de luz, conheça todos os seus erros, a deformidade e injustiça de sua conduta e que, colocado no cume de uma sublime dignidade, se tenha pelo homem mais infeliz, temendo de um momento a outro sua total ruína e que execute Deus nele suas vinganças.

É certo que, como diz São João Crisóstomo (Homil. 45 ad pop. Antioch.), o furor de conseguir maior glória cega de tal maneira que costuma fazer estúpida a maior perspicácia de entendimento; mas também é certo que há de chegar um momento em que se corra o véu a todas as aparências e compareçam livremente a verdade, a razão e a justiça a manifestar ao ambicioso sua conduta segundo o aspecto de toda a sua enormidade. Que angústias então as do miserável que se vê exaltado injustamente sobre o humilde e virtuoso a quem se devia aquela dignidade de justiça! Que temores os seus quando, vendo claramente sobre si uma multidão de grandes obrigações e a debilidade de suas forças, se vê na precisão ou de renunciar a carga que não pode levar ou de levá-la a preço da condenação de sua alma! O desespero e o despeito se apoderam então de seu infeliz coração e o termo de toda a sua ambição é a ruína. Esta consideração parece algo hiperbólica; mas na verdade são tão repetidos os exemplares que nos oferecem as histórias sagradas e profanas que seria imprudência julgar do sucessivo de diversa maneira que temos visto suceder com o passado. Mal se encontra nenhum que haja tido ambição pelos lugares altos que não haja sido vítima funesta de sua mesma ambição. Os Anjos pretendem subir sobre os astros do céu e exaltar ali seu sólio e são precipitados aos abismos e convertidos em demônios. Adão e Eva pretendem a ciência de Deus e caem no erro, na ignorância, na debilidade, na enfermidade, na morte e, o que é mais, em perder o direito ao reino dos céus. Coré, Datã e Abiram levantam-se cheios de soberba e ambição contra Aarão e contra Moisés e permite Deus que para castigo seu e escarmento alheio os trague a terra vivos. Neste teor têm recebido todos os ambiciosos o castigo de seus desejos altivos, verificando-se que, ainda depois da consecução das vãs honras por que tanto se anseia, sempre fica pesar, tormento, angústia, ruína e o castigo de Deus, que é severo e inexorável com os ambiciosos. Estes exemplos são verdadeiramente terríveis e bastariam para impor o terror a todos aqueles que aspiram a exaltar e melhorar sua sorte; mas quando não o consigam, deverá alcançá-lo uma reflexão filosófica, fundada na natureza do coração humano quando chega a estar possuído da ambição. Este é tão insaciável que nenhuma coisa há neste mundo que baste a apagar a sede de dominar. A consecução de uma honra não lhe serve de outra coisa que de aspirar a outra maior. A dominação de um reino a considera como um degrau para sujeitar outros muitos. E primeiro lhe faltarão ao ambicioso reinos que mandar e dominações que pretender que falte de seu peito aquela fome que o devora e aquela sede eterna que nunca se sacia. Alexandre, o filho de Filipe, é a imagem mais convincente do que acabamos de dizer: possuía este o reino da Macedônia com algumas mais conquistas que lhe havia deixado seu pai: poderia ser feliz se não fosse ambicioso; mas abrindo seu peito a este vício feroz, move guerra desejoso de dominar e conquista toda a Grécia. Não podiam prometer-se tanto umas prudentes esperanças; mas Alexandre não se contenta com isso, segue suas conquistas e usurpa aos persas e medos seus impérios respectivos. Nem com isto se contenta: conquista uma grande parte da

Índia e, quando lhe foi dito que mal havia mais terra que conquistar, fica com maior tristeza por não haver saciado sua ambição que quanta alegria havia tido em suas inumeráveis vitórias e conquistas. De tudo se infere, ó cristão, que a natureza, a filosofia e o evangelho, tudo brada e tudo se conjura contra os ambiciosos.

Jaculatórias

O que edifica casa alta, busca sua ruína; com esta sentença, Deus meu, me dais a entender que não posso procurar minha exaltação e glória sem dar comigo num precipício. (Pr 17.)

A exaltação e grandeza diante de Vós consiste na humilhação; e assim dissestes, Senhor, a vossos discípulos: o que quiser entre vós ser maior, faça-se servo do outro. (Mt 20.)

Propósitos

«A ambição, diz São Bernardo explicando o salmo 90, é um mal sutil, é uma peçonha secreta, uma peste oculta; é artífice de todos os enganos, mãe da hipocrisia, pai do rancor, origem dos vícios e fomento de todos os crimes; é a traça das virtudes, a ferrugem da santidade, a que cega os corações, a que troca os remédios em enfermidades e a que engendra doenças das mesmas medicinas.» Tudo isto é a ambição, segundo este santo Padre; todos os demais dizem com curta diferença o mesmo. Em vista disto necessita-se pouco para conhecer quais devem ser teus propósitos neste dia. O fugir aos males temporais dita-o a mesma natureza; o fugir aos do espírito dita-o a Religião e Evangelho que professas em qualidade de cristão; estes são motivos suficientes para olhar com horror os postos e dignidades, posto que delas nada te pode vir senão vaidade de vaidades, aflição de espírito, trabalho e dor, servidão em teu corpo e ruína no espírito. Isto não fala precisamente com aqueles que pretendem bispados, grandes dignidades eclesiásticas, postos altos na república, sinais de distinção e de honra, como são títulos, veneras e nobreza; fala também com os Cristãos de classe mais inferior em suas linhas respectivas. Não há situação na vida humana em que não esteja exposto o cristão aos ataques da ambição, pelo que dizia São Bernardo que é um mal sutil. Nos estados mais infelizes, nas classes mais subalternas da sociedade padecem os homens suas ambições respectivas: querem dominar os demais, pretendem que suas opiniões e seus gostos prevaleçam, tudo querem sujeitar a seu arbítrio e até na casa mais infeliz a mulher pretende sojugar o marido e este intenta executar um poder despótico sobre aqueles pobres e miseráveis que o rodeiam. Portanto, para libertar-se dos males que produz este monstruoso vício, todos devem estar muito alerta sobre si mesmos e armar-se com o escudo da humildade. Aquele que, metendo-se dentro de seu coração, conheça a debilidade de suas forças e reconheça que nada bom pode fazer se Deus não o favorece com sua graça fugirá dos postos e das dignidades, anonadar-se-á dentro de si mesmo e pedirá a Deus, como faziam os Santos, que o conserve num estado de sujeição e de obediência. Eis aqui o que deves tu fazer para portar-te como cristão e corresponder às graças com que está Deus ilustrando teu entendimento presentemente com as considerações deste dia. Mas o farás assim? Serão estáveis e duradouros os conhecimentos que tens tirado da conduta dos dois apóstolos e da petição que fez a Jesus Cristo a mãe de Zebedeu?

Oh, e como é temível que, por muito que queiras guardar-te contra uma paixão tão terrível, por mais que os santos exemplos de uma virtuosa companhia te estejam sempre incitando a fugir da ambição, caias num laço de que não se puderam libertar os Apóstolos, com ser que tinham uma singela vontade de seguir a Jesus Cristo e estavam ouvindo continuamente sua doutrina! Sim: entre os mesmos Apóstolos levantou-se uma disensão sobre qual deles havia de ser o maior entre todos e necessitou Jesus Cristo usar de toda a autoridade de Mestre para havê-los de sossegar, ensinando-lhes que, segundo sua doutrina, aquele era maior e adquiriria mais glória diante de seu eterno Pai que se humilhasse mais profundamente, servindo e obedecendo a seus iguais. Propõe-te, pois, desde hoje olhar toda glória humana como uma desprezível vaidade; todo posto encumbrado como um perigoso precipício, onde é pouco menos que inevitável o risco; toda dignidade como uma sombra ou uma aparência onde os proveitos são aparentes e os danos certos e verdadeiros; e finalmente como uma carga de responsabilidade de que se te há de pedir conta e em que o menor descuido pode custar-te a salvação. Se te persuades a isto e o tiveres presente todos os dias de tua vida, asseguro-te em nome de Deus que será muito difícil que chegues a ser ambicioso.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:53 by Admin